

Última esperança contra o desemprego

Preocupados com o aumento da concorrência, trabalhadores fazem cursos de qualificação para conquistar espaço no mercado

Igor Germano
Da equipe do Correio

Depois de perder tempo em férias, distribuir uma pilha de currículos, passar por entrevistas e, no final, encontrar todas as portas fechadas, só existe uma alternativa para os desempregados brasileiros: continuar tentando e, se possí-

vel, investir na própria educação. Pessoas que sentem na pele as consequências do vaivém da economia acabam aprendendo na prática uma das leis básicas do mercado. Quando há falta de vagas, o emprego fica com os mais qualificados.

A procura por cursos que podem melhorar as chances de conseguir trabalho tem aumentado em todo o país. Como a maioria dos desem-

pregados tem pouco ou nenhum dinheiro de sobra para investir na própria formação, o poder público acaba sendo a única alternativa.

EXPECTATIVA

Diploma na mão, a maior dificuldade enfrentada pelos alunos formados nesses cursos é a distância entre a expectativa de conseguir em pouco tempo um emprego e a realidade dura do mercado de

trabalho, que vem apresentando taxas recorde de desemprego.

"Hoje em dia, ganha emprego quem sabe mais", resume a secretária Rosimar Fonseca, de 26 anos, desempregada há sete meses. "Para conseguir uma vaga, é preciso ter cada vez mais cursos". Ciente dessa realidade, Rosimar separou R\$ 259 do seguro-desemprego para pagar um curso particular de operadora de microcomputador.

Ela tentou se matricular em cursos de computação oferecidos pelo governo, mas as turmas já estavam lotadas.

"Em relação a emprego, ainda não tive resultados com o curso que acabei de concluir", lamenta a secretária. Para o futuro, ela pretende aprender a dirigir e fazer um curso de inglês. "Mais para frente, penso em entrar numa faculdade", sonha Rosimar.



A secretária Rosimar Fonseca, 26 anos: sem emprego, mesmo depois de concluir um curso de computação

Curso não garante contratação

Em São Paulo, dos 270 mil trabalhadores treinados por programas estaduais no ano passado, 40% estavam desempregados, 41% tinham um emprego e buscavam melhor qualificação e 19% — principalmente pessoas muito jovens ou muito velhas — não faziam parte do mercado de trabalho e nem procuravam emprego.

Seis meses depois, dos 108 mil desempregados que concluíram algum curso, apenas 11,8 mil (11%) tinham conseguido um posto de trabalho. No grupo dos empregados que fizeram cursos, passados seis meses, 96% permaneceram empregados. Os dados se referem a uma parte dos alunos que concluíram os cursos (entre maio e junho) em 1997.

"Esses ainda são resultados preliminares da pesquisa que encenhamos", explica o coordenador de emprego da Secretaria Estadual de Trabalho de São Paulo, Alexandre Loloian. "É difícil afirmar se o número de pessoas que conseguiram emprego depois de concluir os cursos é alto ou baixo, mas diante do aumento do desemprego, acredito que os resultados sejam favoráveis."

No ano passado, o Programa Nacional de Qualificação do Trabalhador (Planfor), mantido com verbas do Ministério do Trabalho, treinou, em todo o país, 1,8 milhão de trabalhadores. De 1995 a 1997, de acordo com dados oficiais, o governo investiu R\$ 596,3 milhões em programas de treinamento de mão-de-obra.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

AS CONTAS NÃO ESPERAM

O ministro do Trabalho, Edward Amadeo, tem defendido duas estratégias para reduzir as taxas de desemprego no país: reformar a legislação trabalhista e aumentar a "empregabilidade do trabalhador".

Enquanto isso, por falta de alternativas, milhões de desempregados são empurrados para o mercado informal. Os que podem procuram fazer cursos para melhorar as chances de conseguir uma vaga e, assim, aumentar o seu "grau de empregabilidade".

Enfraquecidos pela dificuldade de conseguir dinheiro, desem-

pregados que acabam de concluir cursos de qualificação retornam ao mercado com a esperança renovada. Mas, como as taxas de desemprego continuam aumentando, mesmo com os diplomas debaixo do braço as portas permanecem fechadas.

Isso porque a baixa qualificação da mão-de-obra é apenas uma das explicações para o aumento do desemprego. Enquanto o crescimento da economia estiver contido por uma política de juros altos e restrições ao crédito, a taxa de desemprego deve continuar subindo.

Economistas prevêem que o

Produto Interno Bruto (PIB), que é a soma de todas as riquezas produzidas pelo país durante um ano, deve crescer 1,5% no máximo em 1998, enquanto a população economicamente ativa (PEA), formada por todas as pessoas em idade e condições de trabalhar, deve crescer 2,5%.

Há mais pessoas entrando no mercado do que empregos sendo criados. Diante desse quadro, a única alternativa para quem está sem emprego é investir na própria qualificação. Difícil é conciliar a espera por uma vaga com os compromissos do dia-a-dia. As contas não esperam. (IG)